DOCUMENTO DO 44º. CONGRESSO DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL FÉ E ALEGRIA.

"Educação Inclusiva na missão de Fé e Alegria"

1. A educação inclusiva de Fé e Alegria.

1. O ideário de Fé e Alegria nos anima a acreditar na inclusão, onde a qualidade e a equidade são inseparáveis; e onde a diversidade é celebrada como riqueza. No 44º. congresso de Fé e Alegria sobre "Educação Inclusiva e seus desafios", concluímos que a educação inclusiva é um direito de todas as pessoas e está diretamente relacionada com nossa identidade e razão de ser. A inclusão é intrínseca à origem e missão de Fé e Alegria, assim como ao seu trabalho de educação popular e promoção social: trabalhar com, e para os setores excluídos.

2. Fé e Alegria entende e pratica a educação inclusiva a partir da educação popular. Da opção que Fé e Alegria faz pelos pobres e excluídos deve ser entendida sua luta para que o direito de uma educação inclusiva de qualidade atinja a todos e todas; de modo que a educação seja o motor para tornar as realidades sociais de exclusão em realidades sociais inclusivas. Fé e Alegria convida todos nós para aderirmos à sua missão: que os empobrecidos, excluídos e marginais desfrutem, junto com os outros, do direito a uma educação inclusiva de qualidade.

3. Dos diferentes contextos onde Fé e Alegria está presente, somos testemunhas das múltiplas formas de exclusão que padecem nossos povos. Exclusão que entendemos como uma violação aos direitos humanos de milhares de pessoas. Isto nos afeta e nos indigna, e dessa indignação surge nossa reação e nossa denúncia sobre uma sociedade produtora de exclusão; e nasce também o compromisso por uma educação inclusiva.

4. A postura que Fé e Alegria tem a favor de uma educação inclusiva está baseada em que *"todos os seres humanos têm igual dignidade, e esta dignidade é absoluta em cada um de nós, porque temos dignidade simplesmente por sermos seres humanos. Ela não depende de nada nem de ninguém. Esta dignidade não pode nem crescer nem diminuir. É igual para todas e todos sempre". E temos "fé em que todos somos filhos de Deus e em que os mais pobres, necessitados e excluídos são os preferidos de Deus"*[1].

5. Fé e Alegria assume que a educação está a serviço da transformação de nossa sociedade. Isto está enraizado em nossa espiritualidade, que convida para "*não fugir da realidade, mas submergir-se nela e tentar humanizá-la... assumindo uma espiritualidade a serviço de uma vida mais digna e feliz para todos e todas*"[2].

---

[1] Federação Internacional de Fé e Alegria. Identidade e espiritualidade de Fé e Alegria a serviço da missão. 42º. Congresso Internacional. Bogotá, Colômbia, 2011.

[2] *Ibidem*

6. Partindo da perspectiva da educação popular, assumimos que as comunidades educativas têm um papel chave na construção de uma sociedade inclusiva. A sociedade é diversa, por tanto, os espaços e as experiências educativas também devem sê-lo. É muito difícil construir uma sociedade entre todos, se nos educamos separados. Estrategicamente as comunidades educativas devem ser um microssistema da sociedade que sonhamos: justa, participativa, fraterna[3] e respeitosa da dignidade de todas as pessoas; com estruturas e modos de agir que tornem possíveis soluções para superar a iniquidade, a pobreza, a discriminação e a exclusão. Fé e Alegria encontra a reconciliação da sociedade no Deus revelado por Jesus, que exige relações e instituições justas.

7. O Padre José María Vélaz concebia que Fé e Alegria tem seu fundamento na tese humanista de que a educação integral fecunda todas as potencialidades que Deus coloca em cada homem e em cada mulher. Anima-nos a crer no "maravilhoso mistério humano" que permite confiar na transformação e na autopromoção do ser humano educado, e assim traçar melhores caminhos na ordem individual, como sujeito membro de uma coletividade solidária e também da grande família humana.[4] "*Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos*." (Mt 11, 25).

2. Responder para nossos contextos desiguais.

> *"Ser movimento de Educação Popular implica a permanente desestabilização criativa, na releitura contínua da realidade partindo dos interesses dos pobres e dos excluídos; numa atitude autêntica de busca, com grandes doses de audácia, de inconformidade e de autocrítica sincera e constante. Tudo, para superar as incoerências e adequar as práticas às exigências e desafios que apresenta a realidade, (sempre mutável), o empobrecimento e a exclusão crescente das maiorias."* [5]

8. A partir do nosso compromisso como Movimento de Educação Popular Integral e de Promoção Social com o processo histórico dos setores populares na construção de uma sociedade justa e fraterna, a realidade social nos mobiliza e interpela[6]. Vivemos em um mundo marcado pela desigualdade, onde a renda, os recursos e as oportunidades concentram-se, sistematicamente e de forma desproporcional, num só segmento da população[7]. Esta situação de desigualdade crescente e estrutural é consequência das políticas neoliberais que imperam desde os anos 90, e têm gerado novas e múltiplas pobrezas[8].

9. A desigualdade não se expressa apenas em termos de renda, mas na possibilidade do desfrute pleno dos direitos humanos, ou em sua vulnerabilidade. Expressa-se no acesso à saúde, moradia, educação, trabalho e participação. Isto é evidente, não só nas situações de pobreza que se

---

[3] Federação Internacional Fé e Alegria. Ideário de Fé e Alegria. Caracas - Venezuela, 1985.
[4] P. José María Vélaz. *Fe y Alegría: características principales e instrumentos de acción*. [*Fé e Alegria: características principais e instrumentos de ação]*. 1981.
[5] Federação Internacional Fé e Alegria. *A educação popular hoje e sua concreção em nossas práticas*. XXXII Congresso Internacional Fé e Alegría. Guatemala, 2001.
[6] Federación Internacional Fe y Alegría. *Ideario…*
[7] Ocampo Prado, M. *Contexto y enfoques de desarrollo en América Latina* [Contexto e enfoques de desenvolvimento na América Latina], Módulo 3, Diplomado en Gerencia Social Ignaciana. Universidad Javeriana, Bogotá - Colombia,
[8] Carta dos provinciais jesuítas de América Latina sobre o neoliberalismo. Rio de Janeiro, 1996.

perpetuam, como também no impacto dessas situações na estrutura social. "A profunda crise de coesão social e a fragmentação de nossas sociedades agravaram velhas problemáticas sociais, como a violência e a discriminação; e criaram novos fenômenos tais como intensas correntes migratórias e segregação espacial. (...) Os bairros estão diferenciados, separados e homogeneizados. Os ricos juntam-se para morar sozinhos e os pobres ficam aglomerados nos setores mais degradados do espaço urbano. (...) As pessoas vivem cada vez mais com seus iguais e cada vez menos com outros, os diferentes, os de origem social distinta"[9]

10. A exclusão é produzida e aumentada em nossos sistemas educativos. Na maioria de nossos países, temos sistemas educativos que não souberam dar uma resposta integral ao desafio da inclusão; fracassando no fornecimento de educação de qualidade para todos e todas. Inclusive, em muitos casos, encontramos sistemas educativos que, ao invés de corrigir as desigualdades, as legitimam[10]. "A educação é um direito de todas as pessoas, e deve ser desfrutado em igualdade de condições. (...) Se o direito a uma educação de qualidade está ao alcance apenas de uma parte da população, como é fato hoje, longe de gerar inclusão e desenvolvimento, produz desintegração social"[11].

11. Perto de completar os dois anos da data estabelecida para o cumprimento dos "Objetivos de Educação para Todos" (EPT), acordados em Dakar (Senegal) em 2000[12], o panorama não é muito alentador. O "Relatório de Monitoramento de Educação para Todos" de 2012[13] evidencia que os progressos encaminhados para o atingimento de muitos dos objetivos, estão se desacelerando, e o mais provável é que a maior parte dos objetivos da EPT não possa ser atingida.

---

[9] López, N. Equidad educativa y desigualdad social. Desafíos a la Educación en el nuevo escenario latinoamericano [Equidade educativa e desigualdade social. Desafíos para a educação no novo cenário latino-americano]. IIPE-UNESCO, Buenos Aires - Argentina, 2005.

[10] Bolívar, A. Equidad Educativa y Teorías de la Justicia [Equidade Educativa e Teorías da Justiça]. Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en educación, 3 (2), 2005, 42-69.

[11] Federación Internacional de Fe y Alegría. Compromiso por la educación. Seis propuestas para el diálogo y la acción [Compromisso pela educação, Seis propostas para o dialogo e a ação]. Madrid - España, 2008.

[12] Objetivos Educação Para Todos. Avanços até 2012

Objetivo 1: Os avanços na educação e nos cuidados durante a primeira infância têm sido lentos demais. Em 2008, em torno de 28% das crianças de até cinco anos de idade apresentavam baixa estatura, e menos da metade das crianças do mundo tinha acesso à educação infantil.

Objetivo 2: O ritmo de progresso em direção à universalização da educação primária está desacelerando. O número de crianças fora da escola estagnou em 61 milhões em 2010. De cada 100 crianças fora da escola, 47 provavelmente nunca vão frequentá-la

Objetivo 3: Muitos jovens carecem de habilidades básicas. Em 123 países de renda baixa e média baixa, cerca de 200 milhões de jovens entre os 15 e 24 anos de idade não concluíram a educação primária, o que equivale a um em cada cinco jovens.

Objetivo 4: A alfabetização de adultos continua sendo um objetivo difícil de ser alcançado. O número de adultos analfabetos caiu apenas 12% entre 1990 e 2010. Em 2010, o número de adultos analfabetos era de cerca de 775 milhões, dois terços dos quais eram mulheres.

Objetivo 5: As disparidades entre meninos e meninas adquirem formas muito diversas. Em 2010, ainda havia dezessete países com menos de nove meninas para cada dez meninos na educação primária. Em mais da metade dos noventa e seis países que não alcançaram a paridade de gênero no ensino secundário, os rapazes estão em desvantagem.

Objetivo 6: A desigualdade em termos de resultados de aprendizagem continua inclemente em escala mundial. O número de crianças que não sabem ler ou escrever na idade em que deveriam entrar na quarta série pode chegar a 250 milhões.

[13] UNESCO. Informe de Seguimiento de la EPT en el Mundo. [Relatório de Monitoramento da EPT no Mundo] Paris - Francia, 2012

12. Depois dos esforços políticos, das demandas sociais, da advocacia e da orientação das entidades internacionais e da sociedade civil nas últimas décadas; os sistemas educativos ampliaram-se para receber uma enorme maioria de crianças e adolescentes. No entanto, esse progresso ainda mantém muitos bolsões de exclusão atual ou potencial: crianças e jovens que ingressam tarde para o sistema educativo, que fracassam repetidas vezes, que não encontram experiências pedagógicas que lhes permitam desenvolver suas habilidades, e que sofrem situações de discriminação[14].

13. Em relação ao acesso à educação, à medida que a idade e o nível educativo aumentam, o nível socioeconômico tem uma importância muito maior. Por exemplo, na América Latina, dentre os educandos que vêm de lares com rendas mais altas, quatro a cada cinco conseguem terminar o ensino secundário. Dentre os de nível socioeconômico baixo, apenas um a cada cinco consegue terminar. A situação piora em contextos rurais e com a população indígena[15].

14. Os povos indígenas são grupos sociais historicamente afetados pelas condições de desigualdade. As dificuldades para acessar o sistema educativo de forma equitativa, a distância dos centros educativos, a deficiente qualidade dos centros educativos aos que têm acesso, a não pertinência dos currículos, e a discriminação, contribuem para reduzir as suas oportunidades educativas[16].

15. O relatório sobre "Discriminação de gênero na educação" de 2012, revela que a discriminação e os estereótipos de gênero estão muito enraizados nos sistemas de educação. Embora as taxas de inscrição nas escolas tenham se incrementado, as meninas têm maior probabilidade do que os meninos de deixarem a escola antes de completar o ensino primário. Além do acesso e da permanência nos centros educativos, as situações de violência, abusos e exploração, muitas vezes caracterizam as trajetórias educativas de meninas e mulheres. Entretanto, continua presente a reprodução de estereótipos de gênero nos materiais escolares, currículos e no ambiente educativo [17].

16. Atualmente entre 500 e 600 milhões de pessoas no mundo têm algum tipo de deficiência. Entre 120 e 150 milhões são crianças e jovens, dos quais apenas 2% têm acesso à educação. Embora alguns estejam recebendo educação, a mesma costuma ministrar-se em centros especiais, segregados, nos quais, muitas vezes os educandos (as) não desfrutam das mesmas oportunidades de aprendizagem que existem nos centros educativos regulares. Esta situação de exclusão é pior nos níveis superiores do sistema educativo [18].

---

[14] UNICEF e UIS/UNESCO. Completar la escuela, Informe de la Iniciativa Global por los niños fuera de la Escuela [Completar a escola, Relatório da Iniciativa Global pelas crianças fora da Escola], 2012. Disponível em http://completarlaescuela.org/

[15] Naciones Unidas, Consejo Económico y Social. *Desafíos para una educación con equidad en América Latina y el Caribe [Desafios para uma educação com equidade na América Latina e o Caribe*]. 2011.

[16] Ibidem.

[17] Campanha Mundial pelo Direito à Educação. Gender Discrimination in Education: The vio- lation of rights of women and girls. 2012. Disponível em http://campaignforeducation.org/docs/reports/ GCE_INTERIM_Gender_Report.pdf

[18] Dávila e outros. Las personas con discapacidad, el derecho a la educación y la Convención sobre los

17. A situação dos migrantes gera grandes desafios em relação às propostas educativas em contextos de diversidade cultural e em termos de uma construção de convivência social que supere a discriminação e a xenofobia. A migração, como direito de novas oportunidades de trabalho, é uma realidade consolidada e permanente em todo o mundo. Ainda mais difícil é a situação das pessoas refugiadas e deslocadas. Hoje há aproximadamente 43,3 milhões de pessoas refugiadas e deslocadas no mundo. Destas pessoas, 22 milhões são crianças e jovens menores de 22 anos. Em relação à educação, no caso das pessoas refugiadas, é muito comum que o governo do país de acolhida não tenha capacidade para admitir crianças e jovens refugiados nos centros educativos locais, assim como se apresentarem graves problemas de acessibilidade ou diferenças no currículo ou na língua de ensino. Também é importante considerar as dificuldades vividas por esta população em seus processos de reinserção nos seus países[19].

18. A cada dia, o direito à educação é vulnerado em diferentes lugares do mundo por causa da discriminação e da violência que pessoas sofrem nos centros educativos por questões como orientação sexual e expressão de identidade de gênero (seja real ou percebida). Em dezembro de 2011, a UNESCO organizou a primeira consulta internacional das Nações Unidas para tratar o "bullying" exercido contra estudantes lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis e intersexuais no âmbito escolar. A consulta concluiu com uma declaração que incita os governos a eliminar a existência inaceitável e devastadora do assédio nas instituições e nos ambientes educativos do mundo inteiro[20].

19. Diante deste cenário marcado pela exclusão, para Fé e Alegría é imprescindível insistir na necessidade e na urgência de uma mudança de enfoque nas políticas educativas, centrando a educação de qualidade como um direito de todas as pessoas, um bem público e uma responsabilidade da sociedade. "(...) a educação é um poderoso instrumento de desenvolvimento humano e de transformação social. É uma força para conseguir uma sociedade justa, uma cidadania comprometida e um desenvolvimento pleno de cada uma das pessoas. Esta concepção de tarefa educativa implica incidir no contexto e nas ações concretas com as pessoas envolvidas; implica ter o coração e a ação com as pessoas excluídas e, ao mesmo tempo, estar presentes no âmbito público, criando espaços que favorecem a participação ativa e responsável na tomada de decisões" [21]. Como consequência, esta concepção nos leva considerar o fato educativo e o papel dos sistemas educativos nacionais, como uma responsabilidade de uma "sociedade educadora" que promova

---

Derechos del Niño [As pessoas com deficiência, o direito à educação e a Convenção sobre os Direitos da Criança]. Em Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva. Vol. 4. N° 2. Santiago - Chile, 2010.

[19] Entreculturas y SJR. *Educación en tiempo de espera. Un derecho vulnerado para millones de personas refugiadas y desplazadas [Educação em tempo de espera. Um direito vulnerado para milhões de pessoas refugiadas e deslocadas*]. Madrid. España. 2010.

[20] UNESCO. Violencia de género y bullyng homofóbico en el ámbito escolar [Violência de gênero e bullying homofobico no ambiente escolar]. 2012. Disponivel em http://issuu.com/unescosantiago/docs/bullying_esp_web 4_?e=7592412/2019146

[21] Federación Internacional de Fe y Alegría. Fe y Alegría: Actor Internacional y agente de sensibilización para la transformación social [Fé e Alegria: Ator Internacional e agente de sensibilização para a transformação social]. XXXV Congresso Internacional – España. 2004. Caracas - Venezuela, 2005.

comunidades e espaços de aprendizagem, com fortes vínculos e a participação de diversos agentes sociais e políticos[22].

3. A educação inclusiva diante da exclusão

"Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos e, dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade"
Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo 1°

20. Fé e Alegria considera que a educação inclusiva é um direito vinculado na construção de sociedades justas, equitativas e democráticas; integrando na sua definição uma educação equitativa e de qualidade, a qual é reafirmada pelas conferências internacionais promovidas pela UNESCO[23], a última com o título eloquente de "A educação inclusiva: o caminho para o futuro".

21. Fe e Alegria, partindo da sua inserção no âmbito dos setores menos favorecidos, do conhecimento profundo dos contextos e de uma identidade marcada pelo trabalho em educação popular e promoção social, opta por uma educação inclusiva, assumindo que a educação é um meio para transformar as realidades de exclusão, e que a mesma deve estar aberta à diversidade de pessoas que vivem a exclusão social, econômica, de gênero, religiosa, cultural, física, psicológica, fisiológica, ou de qualquer outra índole. E é com essas pessoas que se deve trabalhar para atingir novas relações sociais e de poder. Desse ponto de partida, Fé e Alegria assume o grande desafio de avançar para uma educação cada vez mais inclusiva, sabendo que em nossos países significa uma aposta contracultural, processual e que deve ser contextualizada.

22. A educação inclusiva é um conceito teórico da pedagogia que aborda a maneira com que se deve dar resposta à diversidade, cada vez mais uma característica de todas as sociedades. É um termo que surge nos anos 90 e pretende substituir o termo "integração", dominante na prática educativa nesse momento. Parte do pressuposto básico de que o sistema educativo tem de ser modificado para responder a todos os educandos (as), ao invés de entender que são os educandos(as) que têm de se adaptar ao sistema educativo, integrando-se nele[24].

23. Ainda em alguns países, a inclusão é considerada como uma modalidade de tratamento de crianças e jovens com capacidades diferentes. No entanto, internacionalmente, o termo é visto de maneira mais ampla, como uma reforma que acolhe e apoia todo tipo de diversidades entre todos os educandos/as (intercultural, gênero, diversidade sexual, diversidade econômica, religiosa, ou de qualquer outra índole). Este é o olhar de Fé e Alegria, que assume uma educação de qualidade para todos os educandos/as, como um direito que todas as pessoas têm, mas o assume partindo da sua determinação de trabalhar com os pobres, os marginais e os excluídos.

---

[22] Barrios Yaselli, M. Por un continuo educativo en clave de desarrollo humano. Una visión desde Fe y Alegría [Por um contínuo educativo visando o desenvolvimento humano. Uma visão partindo de Fé e Alegria]. Em Federación Internacional de Fe y Alegría. Una mejor educación para una mejor sociedad. 2008
Federación Internacional de Fe y Alegría. Fe y Alegría: Actor Internacional...
[23] Jomtien em 1990, Dakar m 2000 e Ginebra en 2008.
[24] Yadarola, M. E. *El aula inclusiva, el espacio educativo para todos [A sala de aula inclusiva, o espaço educativo para todos*]. I Congreso Iberoamericano sobre Síndrome de Down. Buenos Aires - Argentina, 2007.

24. “A educação inclusiva pode ser concebida como um processo que permite abordar e responder á diversidade das necessidades de todos os educandos/as através de maior participação na aprendizagem, em atividades culturais e comunitárias e de reduzir a exclusão dentro e fora do sistema educativo. O anterior implica mudanças de conteúdos, de enfoques, de estruturas e de estratégias, baseadas numa visão comum que abarca todas as crianças em idade escolar e na convicção que o sistema educativo regular tem a responsabilidade de educar todas as crianças. O objetivo da inclusão é proporcionar respostas apropriadas para o amplo espectro de necessidades de aprendizagem tanto em ambientes formais como não formais da educação. A educação inclusiva, mais que um tema marginal sobre como integrar certos educando/as no ensino convencional, representa uma perspectiva que deve servir para analisar como transformar os sistemas educativos e outros contextos de de aprendizagem, com o objetivo de responder à diversidade dos educandos/as. O propósito da educação inclusiva é permitir que os educadores e os educandos/as) se sintam confortáveis diante da diversidade e a percebam não como um problema, mas como um desafio e uma oportunidade para enriquecer as formas de ensinar e de aprender” [25]

25. Partindo desta perspectiva, em Fé e Alegria percebemos a diversidade como uma riqueza e a acolhemos sem pretender a homogeneização dos educandos/as nem dos educadores. Contudo, assumimos esta perspectiva partindo do lugar no qual nos situam a nossa identidade e a nossa missão, que são o lugar e a perspectiva dos pobres, dos marginalizados e dos excluídos, para os que estamos chamados a servir. Em nossos contextos e comunidades educativas com diversas áreas e modalidades educativas (formal e não formal, radiofônica, técnica, de inserção no mercado de trabalho, especial, de promoção social e de desenvolvimento comunitário, etc.) valorizamos e celebramos a diversidade cultural, étnica, linguística, religiosa, social, de capacidades, de modos de aprender, de gênero e outras; pois sabemos que enriquece as nossas comunidades educativas assim como todos e cada um de nós.

26. Desenvolver comunidades educativas com caráter inclusivo é um desafio. Para isto é preciso uma transformação profunda dos imaginários e cenários das sociedades, e particularmente, das pessoas. Transformações que culminam, necessariamente, em mudanças de mentalidade, de atitude e de ações; e com isto, repercutem no sistema educativo de cada sociedade[26].

27. A educação inclusiva supõe contar com comunidades educativas capazes de responder à diversidade, o que implica desenhar metodologias, sistemas de ensino, infraestrutura, estruturas organizacionais nas comunidades educativas, para responderem à diversidade da população toda[27], tal como veremos mais adiante.

---

[25] UNESCO. Guidelines for inclusion: Ensuring Access to Education for All. Paris, UNESCO, 2005.

[26] Valenciano, G. *Construyendo un concepto de educación inclusiva: Una experiencia compartida* [Construindo um conceito de educação inclusiva: Uma experiência partilhada]. INICO. Salamanca - Espanha, 2009.

[27] 27 Yadarola, M. E. Op. cit.

28. Fe e Alegria, partindo do enfoque da educação popular e das opções institucionais antes expressadas, considera, junto com diversos especialistas em educação inclusiva[28], que para conseguir uma educação inclusiva devem-se conjugar de forma harmônica os seguintes fatores:

29. A inclusão é um processo, pois deve ser considerada como uma busca constante das melhores maneiras de responder à diversidade das pessoas. Os sistemas educativos devem aprender a conviver com a diferença e tirar proveito dela, valorizando-a como um estímulo para fomentar a aprendizagem dos educandos/as e dos educadores. É preciso ter paciência e perseverança, assim como também saber que as mudanças demandam tempo para serem assumidas e integradas.

30. Na história do direito à educação, para chegar à inclusão, tem sido necessário percorrer um processo de superação das exclusões; processo que pode ser resumido em três etapas fundamentais[29]:

- A Primeira etapa: a concessão do direito à educação para aqueles aos quais foram negados historicamente (mulheres, povos indígenas, afrodescendentes e pessoas com deficiências). Esta etapa consiste no passo da exclusão para a segregação; quer dizer, o acesso à educação é fornecido a estas pessoas, mas elas são confinadas em centros educativos especiais.
- A segunda etapa: parte da segregação educativa e procura avançar para a integração, na qual os grupos que são integrados têm de se adaptar aos processos educativos disponíveis, independentemente da sua língua materna, religião, etnia, gênero ou deficiência.
- A terceira etapa: exige uma adaptação do ensino à diversidade dos educandos/as e dos educadores/as, que devem desfrutar do direito à educação; substituindo assim a exigência de que os recém chegados tenham de se adaptar aos processos educativos disponíveis pela adaptação do ensino ao direito igualitário de todos à educação.

31. A UNESCO[30], em concordância com o anteriormente exposto, apresenta a inclusão como o quarto degrau de um processo que começa com a **Exclusão**, a qual deixa um ou alguns grupos sem o direito à educação. O segundo degrau é a **Segregação**, no qual se criam centros educativos especiais para grupos específicos: por exemplo, os centros educativos para crianças com síndrome de Down, ou os centros educativos só para "crianças excelência". O terceiro degrau é a **Integração**, que incita estes centros educativos a criarem unidades de integração para atenderem os educandos/as "especiais", os quais devem se adaptar à cultura educativa existente. O quarto e último degrau é a **Inclusão**, na qual os centros educativos assumem o desafio da criação de uma

---

[28] Ainscow, M., Booth, T., Dyson, A., Farrell, P., Frankham, J., Gallannaugh, F., Howes, A. and Smith, R. *Improving schools, developing inclusion*. Routledge, London - England, 2006.

Echeita, G. *Inclusión y Exclusión Educativa [Incusão e exclusão Educativa]. Voz y Quebranto*. *Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación, 6*(2). 2008. 9-18.

[29] Tomaševski, K. *Contenido y vigencia del derecho a la educación [Conteúdo e vigência do direito à educação].* Instituto Interamericano de Derechos Humanos. Serie Cuadernos Pedagógicos. 2003.

[30] UNESCO. Guidelines for inclusion: Ensuring Access to Education for All. UNESCO, Paris - Francia, 2005.

nova cultura, onde a qualidade e a equidade são inseparáveis e se considera a diversidade uma riqueza.

32. Fé e Alegria assume a inclusão como uma "peregrinação" permanente que vai do polo da exclusão para o polo da inclusão. Neste caminho é fundamental ter claros os próprios limites assim como conhecer os recursos pessoais e institucionais disponíveis para, desta forma, poder avançar consciente e responsavelmente a uma maior inclusão. Para chegar à inclusão é preciso um processo. Para Fé e Alegria, a inclusão implica buscar a presença, a participação e o desenvolvimento integral de todos os educandos/as. Buscar a "presença" porque se assume que deve existir um lugar comum no qual todos os educandos/as tenham acesso, assegurando assim que todos/as tenham seu lugar e compareçam com regularidade ao centro educativo. A presença também enfrenta aquela tendência de separar por grupos segundo os níveis de aprendizagem.

33. A "participação" se refere à qualidade das experiências dos educandos/as enquanto estão no centro educativo (formal, não formal, de promoção social ou de desenvolvimento comunitário). Portanto, a comunidade educativa deve incorporar os pontos de vista dos educandos/as, as suas "vozes" assim como a valoração do seu bem-estar pessoal e social.[31]

34. O "Desenvolvimento integral" se refere aos resultados de aprendizagens integrais em relação ao currículo do sistema educativo e à proposta específica do centro educativo, e vai além da avaliação através de provas ou dos resultados das provas estandardizadas. Implica garantir que todos os educandos/as consigam o máximo desenvolvimento integral de suas potencialidades com as aprendizagens necessárias, que lhes possibilitem o exercício da cidadania ativa e a integração social e no mercado de trabalho, sem riscos de exclusão.

35. Desde o começo, Fé e Alegria trabalhou para assegurar a presença dos educandos/as excluídos/as em suas ofertas educativas. Assim, foi se instalando em zonas marginais e isoladas. Mas, com o passar do tempo se deu conta que não bastava com a presença, mas que havia que assegurar a qualidade da educação. Este tem sido um enfoque central nos dois últimos planos estratégicos da Federação Internacional do movimento, porque estamos conscientes das tarefas pendentes neste âmbito. Ao mesmo tempo, as múltiplas experiências de educação não formal e de promoção social constituíram-se em outros espaços que têm promovido o encontro com a diversidade, assim como a acolhida dos excluídos dos sistemas educativos. Estes espaços têm permitido a presença destas pessoas, a sua participação e seu desenvolvimento integral.

---

[31] Ainscow, M. y Echeita, G. *La Educación inclusiva como derecho. Marco de referencia y pautas de acción para el desarrollo de una revolución pendiente [A educação inclusiva como direito, Marco de referência e pautas de ação para o desenvolvimento de uma revolução pendente].* Congresso "Un marco de referencia y pautas de acción para el desarrollo de sistemas de educación incluyentes". Granada - Espanha, 2010.

36. Considerando tudo isso, para Fé e Alegria a inclusão precisa a identificação e a eliminação das barreiras que impedem ou dificultam o acesso, a permanência, a participação e o desenvolvimento integral. Para conseguir a inclusão é preciso identificar as barreiras que as comunidades educativas apresentam e que podem atrapalhar o processo de inclusão. A educação popular aporta muitos elementos para identificar e combater, como comunidade educativa, as barreiras que atrapalham o exercício pleno do direto a uma educação inclusiva de qualidade.

37. "Genericamente, devemos considerar como barreiras, aquelas crenças e atitudes que as pessoas têm a respeito deste processo, e se concretizam nas culturas, nas políticas e nas práticas escolares (ou educativas em geral) que individual e coletivamente são apresentadas e aplicadas, e que geram exclusão, marginalização, ou fracasso escolar ao interferirem nas condições pessoais, sociais ou culturais de determinados educandos ou grupos de educandos – nos marcos das políticas e dos recursos educativos existentes em nível local, regional ou nacional-. Portanto, para melhorar a inclusão, é imprescindível e estratégica a coleta e a avaliação de informações que provêm de uma variedade de fontes, para detectar quem experimenta tais barreiras, em que planos ou esferas da vida escolar se situam e quais barreiras são; como fim de projetar estratégias para melhorar as políticas de educação, assim como para inovar as práticas. Por isso, faz-se necessário aproveitar as diversas evidências a fim de estimular a criatividade na hora de mudar as barreiras detectadas"[32]

38. Estas barreiras são as que impedem o exercício efetivo de uma educação inclusiva e devem ser conscientizadas e abordadas com a ajuda das ferramentas da educação popular. "Em Fé e Alegria, isto deve nos encaminhar para uma revisão permanente sobre algum mecanismo velado ou evidente de exclusão, para ver, se realmente estamos atendendo os grupos mais marginalizados ou vulneráveis, e se estamos proporcionando ajuda especial aos que têm mais deficiências ou dificuldades"[33]

39. Neste sentido, é interessante mencionar que "as pessoas com deficiência" são assim por causa das barreiras externas que lhes impedem desenvolver-se adequadamente[34]. São as barreiras exteriores as que determinam quando alguém possui deficiência, e não alguma característica pessoal que o diferencie da maioria das pessoas.

40. A educação inclusiva, junto com a educação popular, coloca ênfase particular em buscar que aqueles grupos que poderiam estar em risco de marginalização, exclusão ou fracasso educativo, não acabem sendo vítimas deles. Fé e Alegria opta por aqueles que têm mais dificuldades, e assume, em virtude da sua missão, a responsabilidade de assegurar que aqueles grupos mais vulneráveis sejam acompanhados com maior atenção, e que, sempre que necessário, sejam

---

[32] *Ibidem*

[33] Federación Internacional de Fe y Alegría. *Identidad y espiritualidad de Fe y Alegría al servicio...*

[34] A convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência realizada em 2006, no artigo primeiro, define a deficiência partindo do modelo de interação com o meio e da presença de barreiras: As pessoas com deficiência incluem aqueles que têm incapacidades físicas, mentais, intelectuais, sensoriais, duradouras, que em interação com diversas barreiras podem impedir sua participação plena e efetiva na sociedade, em condições de igualdade com os outros.

adotadas medidas para garantir sua presença (e permanência), participação e seu desenvolvimento integral dentro do sistema educativo.

41. É por isto que Fé e Alegria, partindo da sua tradição em educação popular e promoção social, buscou por diferentes meios, optar pelos grupos que estão em risco de marginalização, exclusão ou fracasso educativo. Fé e Alegria assume que a educação inclusiva implica, finalmente, a vivência de uma nova cultura, de uma nova ética e de novos valores[35]. Neste sentido, entendemos a educação inclusiva como um processo que pretende pôr em prática os valores de equidade, justiça e valorização da diversidade, através da construção e da apropriação coletiva de uma nova cultura educativa que promova: a coesão, coordenação, e o trabalho colaborativo dos educadores/as, assim como o compromisso coletivo da comunidade para o projeto educativo, com seus valores, expectativas, prioridades de desenvolvimento, e a participação ativa e positiva de toda a comunidade educativa para melhorar o centro educativo e a própria comunidade[36].

42. Assumir a educação inclusiva deve levar-nos a dar o melhor de cada um de nós e investir todos os meios possíveis para consegui-la. Muitas vezes "nos enganamos na ilusão de que existe um lugar lá fora para as pessoas pouco comuns". Esta falsa ilusão nos faz desistir, antes do tempo, do desenvolvimento de propostas de educação inclusiva; acreditando, facilmente, que há outros lugares mais adequados do que nossos centros para educar aqueles que são "diferentes".

4. Dialética da educação inclusiva

> *"A educação é um fator de coesão se procurar levar em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos e ao mesmo tempo evita tornar-se um fator de exclusão social"*
>
> Informe da Comissão Internacional sobre "Educação para o século XXI"

43. Existem algumas tensões que é preciso considerar e sopesar no desafio de construir uma educação inclusiva.

4.1 Educação inclusiva. Opção pelos excluídos.

44. Fé e alegria reconhece duas perspectivas de aproximação à educação inclusiva. Para alguns, a inclusão objetiva atender os mais vulneráveis, aqueles que têm sido vítimas da exclusão. Para outros, a inclusão implica buscar uma convivência com a diversidade, onde exista todo tipo de crianças e jovens, de forma que os excluídos sejam incluídos sem terem de ser educados em guetos de marginação.

45. O risco da primeira perspectiva está em educar os mais marginalizados apenas entre eles. A dificuldade do segundo enfoque é esquecer-se da urgência evangélica e da opção pela educação popular de ir às margens onde estão os excluídos (particularmente na atual situação latino-

---

[35] Parrilla, A. *Acerca del origen y sentido de la Educación Inclusiva*. [Acerca da Origem e do Sentido da Educação Inclusiva]. Revista de Educación. 327,2002, 11-30.

[36] Murillo, F. J. *La investigación sobre eficacia escolar*. [a pesquisa sobre eficácia escolar] Octaedro, Barcelona. España, 2005, 316 pp.

americana e africana. Por tanto, além de suas diferenças, é claro que os dois enfoques entranham uma opção decidida pela não exclusão, em estreita relação com a equidade, inseparável de uma autêntica qualidade educativa.

46. Esta opção pela não exclusão, em qualquer das duas perspectivas, tem consequências concretas: implica uma revisão permanente dos critérios de admissão, seleção, acompanhamento e/ou demissão de educandos/as, para identificar mecanismos evidentes ou velados de exclusão que não deveriam existir.

47. Para Fé e Alegria significa optar preferencialmente por aqueles que são excluídos ou têm risco de sê-lo, assumindo a responsabilidade de assegurar que aqueles grupos mais vulneráveis sejam acompanhados com atenção especial e, sempre que necessário, sejam adotadas medidas para garantir sua presença, sua participação e seu desenvolvimento integral dentro das comunidades educativas, promovendo a inclusão a partir da sensibilização e da ação pública, assumindo o contracultural desta proposta. Procurar a equidade nos guia a buscar recursos e possibilidades para os mais pobres, os excluídos e os marginais desfrutarem plenamente do direito à educação.

4.2 Educação inclusiva. Qualidade educativa.

48. É comum escutar que uma educação inclusiva nivela por baixo e que apostar na inclusão é renunciar a uma educação de qualidade. Diante disto, Fé e Alegria propõe que um primeiro aspecto importante é revisar o que entendemos por qualidade educativa. Neste contexto, surge a necessidade de entender a educação inclusiva como uma educação que integra qualidade e equidade, portanto, a inclusão impulsiona a obtenção de bons processos e bons resultados para todos os educandos/as. Para Fé e Alegria, qualidade e inclusão são inseparáveis, pois uma educação excludente deixa de ser educação de qualidade. Partindo da variável equidade, é central que um modelo de qualidade considere a aprendizagem efetiva de todos os educandos/as. Integrando as diversas definições de qualidade, e tentando resumi-las o máximo possível (com os riscos que implica), podemos concluir que entendemos a qualidade educativa como o desenvolvimento integral de todos os educandos/as.

49. É imperante apostar pela qualidade e a inclusão, pois, se não conseguirmos a qualidade educativa inclusiva, estaremos formando sistemas desagregados, onde apenas alguns conseguem boas aprendizagens, deixando a outros deslocados e inseguros, não apenas do que são, mas do que são capazes de aprender e fazer. Uma educação de má qualidade "desestima o conhecimento dos estudantes, ridiculariza a pergunta, freia a curiosidade, corta as asas, maltrata o autoestima... por tanto, pode fazer mais dano do que bem[37]". Por isso que a responsabilidade de Fé e Alegria é que seu trabalho seja em espaços educativos formais, informais ou não formais, em modalidades presenciais ou à distância, com processos educativos de qualidade e inclusivos.

4.3 Educação inclusiva – ideologias

[37] Torres, R.M. *Educación para todos, una tarea pendiente*. [Educação para todos, uma tarefa pendente]. Educación Popular, Madri - Espanha, 2000.

50. A historia da educação está fortemente marcada por aspectos políticos e ideológicos. Os Estados e seus sistemas educativos formam seus cidadãos com "paradigmas ou visões predeterminadas" e, consequentemente, com ideologias[38] fundacionais. A origem da educação escolarizada vem da necessidade de educar as pessoas para serem cidadãs e funcionárias do Estado. Portanto, os conteúdos acadêmicos, assim como o objetivo último da educação, sempre tiveram que ver com o tipo de sociedade que queremos construir.

51. Atualmente estes debates ideológicos expõem[39], por um lado, uma educação baseada na transmissão de conteúdos, homogênea e "objetiva", centrada nos resultados da aprendizagem e entregando conhecimentos aos educandos/as para serem assimilados; com o qual se conclui que a educação é necessária para estabelecer um controle social e para a introdução bem sucedida dos jovens no sistema industrial e político. Por outro lado, há um modelo que parte do ideal liberal-democrático, que coloca a ênfase no potencial da educação como motor de desenvolvimento pessoal e social, centrada no processo de aprendizagem, mais subjetiva, considerando as deferências individuais, assim como entendendo que os educandos/as devem construir ou reconstruir o conhecimento.

52. É claro que ambas ideologias precisam dialogar abertamente, pois a educação manifestou nos últimos anos, uma falta de explicitação destes fatores que incidem na prática diária no espaço educativo. Partindo da educação inclusiva expõe-se a necessidade de uma sociedade para todos e todas, e construída também entre todos e todas; a qual significa uma mudança estrutural e cultural. Da Fé e Alegria assumimos a importância da denúncia e a incidência pública sobre as barreiras que promovem a exclusão[40], e trabalhamos pela promoção de uma ideologia inclusiva.

4.4. Educação inclusiva. Valorização da diversidade

53. Por outra parte, em diversos contextos latino-americanos existem vozes políticas que expõem uma necessidade de separar os educandos/as da seguinte forma: "os/as bons/boas com os/as bons/boas, os/as maus/más com os/as maus/más e os/as diferentes com os/as diferentes", pensando que dessa forma se conseguem melhores resultados para uns e outros. Esta premissa está baseada no desconhecimento das pesquisas41 que comprovam os benefícios e os melhores

---

[38] Entendemos por ideologia, no sentido mais básico do termo, o conjunto de idéias fundamentais que caracteriza o pensamento de uma pessoa, coletividade ou época, de um movimento cultural, religioso ou político, etc.

[39] Davies, D. *Organizaciones que aprenden*. [Organizações que aprendem] Gedisa, Barcelona - Espanha, 2005.

[40] Parrilla, A. *Acerca del origen*…

[41] Cfr. As seguintes pesquisas:

Kishi, G. S., & Meyer, L. H. *What children report and remember: A six-year follow-up of the effects of social contact between peers with and without severe disabilities.* Journal of the Association for persons with Severe Handicaps. 1994. *19*(4). 277-289.

Sharpe, M.N., York, J.L. & Knight, J. *Effects of inclusion on the academic performance of classmates without disabilities. Remedial and special education*. 1994. 15(5). 281-287.

Hollowood, T. M., Salisbury, C. L., Rainforth, B., & Palombaro, M. M. *Use of instructional time in classrooms serving students with and without severe disabilities. Exceptional Children*. 1995. 61(3). 242-253.

Tundidor, M. *Issues raises in the name of inclusion: Perspectives of educator, parents and students*. Journal of association for persons with severe handicaps. 20. 1995. 31-44.

resultados de um sistema colaborativo de aprendizagem entre pares heterogêneos, em contraste com trabalhos colaborativos entre educandos/as homogêneos. A diferenciação por nível gera pequenos sistemas que reproduzem um modelo social desigual, perdendo-se a oportunidade de aprender y de enriquecer-se das diferenças.

54. No caso da América Latina, este debate é muito atual, pois em diversos países prosperaram iniciativas que conduzem a uma maior exclusividade educativa, separando os educandos/as segundo suas capacidades ou condição, e recompensando os colégios que conseguem melhores resultados nas medições estandardizadas; independentemente da origem, da diversidade e das condições dos educandos/as. Diante disto, em Fé e Alegria reafirmamos nossa opção de trabalho com os menos favorecidos, para aproximá-los de oportunidades educativas que lhes permitam constituírem-se em protagonistas do seu próprio desenvolvimento pessoal e da transformação da sociedade, respeitando e valorizando a diversidade.

4.5 Educação Inclusiva - investimento econômico

55. O conceito de educação é um conceito vivo que pertence à sociedade onde está inserido. No caso de nossos contextos, o fator recursos determina nossas possibilidades. Os recursos são limitados (baixa subvenção pública mensal por cada educando/a), portanto, esta falta de recursos é uma variável principal na hora de conceber a educação.

56. Para uma comunidade educativa, a inclusão educativa tem um custo econômico maior do que a segregação, pois educar educandos/as com diferentes características demanda uma especificidade maior dos profissionais e, em muitos casos, um tratamento mais personalizado. No entanto, se considerarmos o custo como sistema educativo total, o custo é igual.

57. Em nossos países encontramos falta de recursos pessoais para abordar a diversidade, assim como investimento baixo em educação. Os educadores/as (todo o pessoal que trabalha em uma comunidade educativa), muitas vezes, não contam com a mentalidade, o ânimo e as ferramentas pessoais nem profissionais para abordar uma diversidade complexa, nem com o tempo para a reflexão, capacitação e planejamento necessários que exigem as realidades, com diversas problemáticas, demandas e modos de agir. É necessário então, a cultura educativa fazer uma mudança e abordar a inclusão como temática global e não específica. Os modelos educativos com alto investimento em educação, como o finlandês, demonstraram que é possível conseguir construir sistemas inclusivos e de qualidade (não selecionam os educandos/as e obtiveram o primeiro lugar nas medições de qualidade internacional), com um investimento similar ao dos seus pares, mas com centros educativos heterogêneos.

Manset, G., & Semmel, M.I. *Are inclusive programs for students with mild disabilities effective? A comparative review of model programs.* Journal of Special Education. 31. 1997. 155-180.

4.6 Educação inclusiva - incidência

58. Fé e Alegria assume, por uma parte, que a educação está a serviço da transformação da sociedade, mas por outro lado, que o caráter público da educação implica a inclusão. Partindo desta vocação, é primordial para a atuação de todas as Fé e Alegria, o trabalho de sensibilização com outros para a valorização da diversidade e a busca de estratégias educativas para dar resposta à inclusão.

59. Assumimos que trabalhar pela inclusão é contracultural, uma tarefa muito complexa, portanto. O sistema neoliberal promove valores (individualismo, concorrência, consumismo, etc.) contrários aos que promovemos em Fé e Alegria. Logo, é indispensável estabelecer sinergias e redes com outras forças (públicas e privadas) para trabalhar na superação das causas da exclusão. Neste sentido, Fé e Alegria deve tirar maior proveito de sua dimensão internacional, tanto na intensificação da incidência pública quanto na promoção de sinergias no interior da Companhia de Jesus.

60. Partindo da educação popular, Fé e Alegria deve estimular e favorecer o protagonismo dos excluídos nas ações de incidência, levantando e fazendo ouvir suas vozes. A incidência deve ser refletida, planejada e executada por toda a comunidade educativa (estudantes, pais e mães, vizinhos, educadores/as, etc.)

5. Transformações necessárias em cultura, políticas e práticas inclusivas.

5.1 Rumo à construção, entre todas (os), de uma cultura inclusiva.

61. Para o incremento de uma educação inclusiva é preciso assumir que não existe um padrão ou modelo fixo, mas que estamos diante da existência de comunidades educativas "em movimento"[42], que têm pela frente uma viagem para a melhoria de sua capacidade de responder à diversidade; viagem que, no entanto, nunca termina. A inclusão ou a exclusão não são estados ou situações definitivas, mas processos cujos extremos (inclusão-exclusão) estão em tensão contínua. Portanto, o avanço para um só se produz pela redução do outro[43].

62. Para este avanço é imprescindível considerar que as comunidades educativas (formal, não formal, de promoção social ou de desenvolvimento comunitário) devem se encaminhar para uma cultura inclusiva, na qual as funções, valores e formas de comportamento[44] determinarão em que medida se conseguirá avançar.

63. No 43º. congresso constatávamos como, em muitas de nossas comunidades educativas, predomina lamentavelmente uma cultura estática e passiva na qual é difícil reconhecer os contextos de onde provêm os educandos/as e continuamos reproduzindo a exclusão que muitos deles sofrem no seu lugar de procedência. Isto traz o perigo de que algumas culturas institucionais possam tornar-

---

[42] Ainscow, M., Booth, T., Dyson, A., with Farrell, P., Frankham, J., Gallannaugh, F., Howes, A. and Smith, R. *Improving schools...*

[43] Echeita. G. *Educación para la inclusión o Educación…*

[44] Murillo, F. J. *Op. cit.*

se (sem perceber isso) num caminho para a exclusão, dentro de sistemas, centros e salas de aula ou outros espaços educativos. A inclusão não se garante com a mera existência de estruturas educativas, pois ela é, antes de tudo, um assunto relacionado com valores[45], ambiente escolar, atividade prática, relações e a vida desenvolvida nestas atividades no seu dia a dia[46].

64. Fé e Alegria considera que, para conseguir comunidades educativas inclusivas é preciso uma mudança na cultura do sistema e do centro educativo; passar da integração para a inclusão; no marco do direito à educação, à igualdade de oportunidades e à participação. Precisa-se de centros educativos que acolham toda a comunidade como parte de um sistema inclusivo, partindo das políticas em geral, até a reestruturação educativa e o contexto sociocultural. Considerando a inclusão educativa como uma nova cultura, podemos descrever algumas características desta cultura: É colaborativa, com grandes expectativas para educandos/as e educadores/as; com consenso nos valores (ou uma habilidade para trabalhar com as diferenças de forma eficaz); está apoiada em um ambiente organizado e seguro; e estimula os educadores/as a assumirem uma variedade de funções de liderança[47].

65. A inclusão é uma maneira diferente de entender a educação. Implica pensar em uma nova filosofia e construir uma nova cultura, com diversas e novas formas de analisar a cotidianidade educativa (formal, não formal, de promoção social ou de desenvolvimento comunitário), assim como de trabalhar e conviver. Portanto, precisa de um conjunto de ações educativas, sociais e da comunidade, encaminhadas para eliminar as barreiras que impedem a presença, a participação e o desenvolvimento integral de todos os educandos/as; aceitando e valorizando as diferenças individuais[48].

5.2 Em direção à formulação de políticas inclusivas

66. No 43º. Congresso da Federação Internacional Fé e Alegria, em Cochabamba 2012[49], mencionou-se que, em vários países ela está bem posicionada e é reconhecida nos ministérios e nas redes interinstitucionais; o qual nos proporciona uma vantagem para instalar a temática da inclusão e poder incidir nas políticas públicas. Em Fé e Alegria assumimos a responsabilidade que isto acarreta e estamos comprometidos com a incidência em diferentes níveis, para avançar em direção a uma maior inclusão.

---

[45] Rossi, M y Allevato, C. *Los principios que orientan nuestra práctica: desafíos y dilemas*. [Os princípios que encaminham nossa prática: desafios e dilemas] Colección formación de directivos. Federación internacional Fe y Alegría, 2008.

[46] Parrilla, A. *¿Y si la investigación sobre inclusión…*

[47] Murillo, F. J. El movimiento teórico-práctico de mejora de la escuela. Algunas lecciones aprendidas para mejorar los centros docentes [O movimento teórico-prático de melhoria da escola. Algumas lições aprendidas para melhorar os centros de ensino]. REICE: Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación. Vol. 1, No. 2. 2003.

[48] Valenciano, G. *Op. cit.*

[49] Federación Internacional de Fe y Alegría. *Educación Inclusiva y sus desafíos* [*Educação Inclusiva e seus desafios]*. XLIII Congreso de la Federación Internacional de Fe y Alegría. Cochabamba - Bolivia, 2012.

67. Fé e Alegria luta por políticas que estejam a serviço de uma educação justa. Fé e Alegria assinala que isto requer igualdade distributiva de oportunidades[50], o que significa buscar políticas equitativas, procurando dar mais a quem mais precisa, advertindo que essa distribuição deverá cuidar para não produzir estigmatização nem criar coletivos dependentes. Outra figura da justiça educativa é a igualdade social de oportunidades, entendida como o comum, como aquilo que todos têm o direito de aprender. E finalmente propõe a igualdade individual de oportunidades que implica o reconhecimento de cada criança e cada jovem como sujeito singular, único, irrepetível e igual aos outros, independentemente de seus desempenhos e resultados. Esta forma de justiça educativa busca fortalecer a imagem que cada educando/a tem de si mesmo, evitando o estigma do fracasso, para que sejam pessoas plenas em seus diferentes processos de aprendizagem.

68. Fé e Alegria busca também, partindo de uma educação popular, currículos que têm como centro a pessoa, e não os conteúdos, currículos inclusivos e contextualizados, que devem zelar pela pertinência de falar, dizer, pensar conforme o contexto de aprendizagem e as características particulares de cada educando(a). A pertinência implica sentido e, por tanto, vincula e fortalece a presença e a participação. Isto supõe o reconhecimento dos "saberes" e "fazeres" que os educandos/as trazem consigo e que possuem sentidos diferentes conforme os diversos contextos socioculturais de origem.[51]

69. Partindo desta perspectiva, o currículo não é mais a declaração de áreas e temas, mas a somatória de todo tipo de aprendizagens (inclusive de suas ausências) que os educandos/as obtêm como consequência de serem participantes da experiência educativa. Um currículo da e para a diversidade exige um enquadramento democrático dos conteúdos do ensino, com uma tomada de decisões conforme os interesses de todos os membros da comunidade educativa[52].

70. Abordar o tema do currículo como uma política para a inclusão é central, pois a evidência mostra que, na maioria dos contextos, o currículo é a fonte de exclusão explícita e implícita, tanto por deixar educandos/as fora do sistema educativo, quanto por fazer muitos deles se sentirem excluídos, na medida em que não aprendem o ´curricularmente" esperado.

71. Em nossos contextos constatamos como, muitas vezes, se impõem políticas institucionais clássicas apoiadas por políticas públicas conservadoras, pragmáticas e imediatistas, que respondem às necessidades das maiorias e não dos setores marginalizados. Esta realidade não desanima Fé e Alegria, pelo contrario, a desafia a continuar sendo inovadora e criativa na formulação e na incidência de políticas para apoiarem a inclusão, sem estigmatizar nenhum grupo em particular.

72. Neste sentido, por exemplo, da Federação Internacional Fé e Alegria promveu a campanha "Compromisso pela educação[53]", que visava incidir na melhora das condições e avançar em direção de uma maior educação inclusiva. Esta campanha interpelava os governos e as sociedades no

---

[50] Dubet, F. *La escuela de las oportunidades ¿Qué es una escuela justa?* [A escola das oportunidades. O que é uma escola justa?] Gedisa, Barcelona - España, 2004.

[51] Conclusiones del "*Seminario latinoamericano Escuela e Inclusión*" [Conclusões do Seminário latino-americano Escola e Inclusão]. 2008.

[52] Devalle, A. y Vega, V. *Una escuela en y para la diversidad* [Uma escola em e para a Diversidade]. Aique, Buenos Aires - Argentina, 2009.

[53] Federación Internacional de Fe y Alegría. *Compromiso por la Educación. Seis propuestas para…*

dever de tornar realidade o direito de todos e todas a uma educação de qualidade, concebida como um bem público e que permita superar a pobreza e a exclusão. Esta campanha reafirmou a vocação inclusiva de Fe e Alegria, pois os seis pontos para a busca do diálogo e da incidência foram: 1) Acesso, processos e resultados em condições de equidade; 2) Qualidade educativa integral e inclusiva; 3) Continuidade educativa ao longo da vida; 4) Fortalecimento da profissão docente; 5) Financiamento público suficiente; 6) Gestão educativa a serviço da equidade e da qualidade.

5.3 Rumo a práticas inclusivas

73. "*Ser movimento implica para Fé e Alegria a permanente desestabilização criativa, a releitura contínua da realidade, numa atitude de busca comprovada, com grandes doses de audácia, de inconformidade, de autocrítica constante, de modo que as práticas educativas e o agir pedagógico vão respondendo às exigências e aos desafios que a realidade, sempre mutável, apresenta*" [54]

74. No 43º. congresso de Cochabamba manifestávamos que as políticas e orientações, pouco servem se não estiverem refletidas nas práticas cotidianas de nossas comunidades educativas. São as práticas que de fato refletem quanto somos inclusivos. Também constatamos que todas as Fé e Alegria têm experiência de inclusão educativa com diversos grupos excluídos (pessoas com necessidades educativas diferentes ou especiais, população indígena, população afrodescendente, jovens em situação de risco, mulheres, migrantes, etc.). Mas víamos também que, de forma periódica, se identificam novos setores excluídos com quem começar a trabalhar, o que nos obriga a repensar nossas práticas e redesenhar nossas formas organizativas.

75. Fé e Alegria optou, desde a sua origem, por uma educação inclusiva. Isto deve conduzir-nos a que todas as nossas práticas sejam inclusivas. Para isso, nossas comunidades educativas não devem ter "requisitos de ingresso", nem mecanismos de seleção, além daquele que nos corresponde, em virtude de nossa missão e de nosso enfoque de educação popular, que é o de acolher as pessoas mais pobres, excluídas e marginalizadas de nossos ambientes. Isto implica todas as crianças e jovens de uma determinada comunidade aprendam junto, independentemente de suas condições pessoais, sociais ou culturais, incluindo aquelas que apresentam capacidades diferentes[55].

76. Fé e Alegria deve desenvolver uma pedagogia da inclusão, entendendo a partir da educação popular, uma pedagogia do acompanhamento de pessoas e comunidades em seu crescimento e desenvolvimento. O "como" desta pedagogia deve nascer e construir-se desde cada contexto específico, envolvendo todos os atores da comunidade[56].

---

[54] Pérez Esclarín, A. *Yo, José María Vélaz.* Fe y Alegría Venezuela, Caracas - Venezuela, 2010.

[55] Postulado de UNESCO, UNICEF y Fundación Hineni. En "*Escuela e Inclusión*. Aprendizajes del Seminario latinoamericano Prevención de la deserción escolar, reinserción e inclusión educativa, 2008. [Postulado da UNESCO, UNICEF e da Fundação Hineni. Em: *Escola e Inclusão*. Aprendizagens do Seminário Latino-americano Prevenção da deserção escolar, reinserção e inclusão educativa]

[56] Federación Internacional de Fe y Alegría. *La pedagogía de la educación popular* [A pedagogia da educação popular]. Revista inter-nacional Fe y Alegría (2003).

77. Fé e Alegria conta com múltiplas experiências e algumas delas têm sido sistematizadas e difundidas em publicações que sugerem práticas concretas na construção de comunidades inclusivas[57] e que dão luzes concretas sobre como tornar realidade o sonho da inclusão. Também têm se desenvolvido diversas políticas, estratégias e ações institucionais que visam promover, cada vez mais, a inclusão de diferentes coletivos excluídos (crianças abandonadas, jovens em situação de risco, mulheres, afrodescendentes, indígenas, migrantes, etc.) em diferentes processos educativos de promoção social e de desenvolvimento comunitário, na formação para o trabalho e na inserção laboral, a incorporação das tecnologias da informação e comunicação nos processos educativos, a promulgação de uma política de equidade de gênero, etc. No entanto, todos estes esforços não fazem mais que confirmar que a educação inclusiva continua sendo um horizonte que sempre nos desafia para fazer mais.

6. O papel dos educadores/as no processo de construção de uma educação inclusiva

> *"A educação deveria levar cada pessoa a descobrir, despertar e incrementar suas possibilidades criativas, atualizando assim o tesouro escondido em cada um de nós"*
> Jacques Delors

78. Para avançar em direção a práticas educativas inclusivas, Fé e Alegria vê na educação popular a fonte que potencializa esse processo, assim como a que promove nos educadores/as[58] um constante processo de reflexão sobre a própria prática educativa. Porque os educadores/as devem ser "profissionais da reflexão contínua de seu ser, seu agir e do acontecer, de modo a melhorar sua prática pedagógica para responder melhor às necessidades dos/as estudantes e de suas comunidades"[59]. A educação popular contribui, também, para a construção coletiva de um saber pedagógico que se relacione com a "negociação cultural[60]", que significa problematizar a recepção de conhecimentos "supostamente neutros e objetivos" (como certas perspectivas da história, etc.). Só assim é possível o exercício crítico que permite reconhecer a origem social do conhecimento, com a consequente valorização das próprias tradições, culturas, religiosidades e sabedorias locais.

---

[57] Ver Federación Internacional de Fé e Alegria. "*Educación no formal y la educación popular"* [Educação não formal e a educação popular] (2004); "*Es posible encarnar sueños"* [É possível personificar sonhos] (2009); "*Educación a distancia y radiofónica. Serie de experiencias educativas*" [Educação a distância e radiofônica. Série de experiências educativas] (2009); "*Desarrollo comunitario, trazando caminos para la promoción y la prevención social*" [Desenvolvimento comunitário, traçando caminhos para a promoção e a prevenção social]. Fe y Alegría Colombia (2007).

Ver também as publicações dos últimos congressos da Federação Internacional de Fé e Alegria que tornam visíveis práticas que aportam reflexão partindo da práxis: "*La educación popular hoy y su concreción en nuestras prácticas formales y no formales*" [A educação popular hoje e sua concreção em nossas práticas formais e não formais] (2001); "*La pedagogía de la educación popular*" [A pedagogia da educação popular] (2002); "*La Calidad de la Educación Popular en Fe y Alegría*" [A Qualidade da Educação Popular em Fé e Alegría] (2003); "*Fe y Alegría: Actor Internacional y agente de sensibilización para la transformación social*" [Fé e Alegria: Ator Internacional e agente de sensibilização para a transformação social] (2004); "*¡La educación es un bien público! Mejor educación y sociedad para todos y todas*" [A educação é um bem público! Melhor educação e sociedade para todos e todas] (2005); "*Educación y Promoción Social Comunitaria*" [Educação e Promoção Social Comunitária] (2006); "*Nuestra Práctica de Promoción Social Comunitaria*" [Nossa Prática de Promoção Social Comunitária] (2007); "*Aprendemos de nuestra gestión*" [Aprendemos de nossa gestão] (2008); "*Hacer el bien y hacerlo bien*"
[Fazer o bem e fazê-lo bem] (2009); "*Identidad y espiritualidad vividas en misión*" [Identidade e espiritualidade vividas em missão] (2010); "*Identidad y espiritualidad al servicio de la misión*" [Identidade e espiritualidade a serviço da missão] (2011); "*Educación inclusiva y sus desafíos*" [Educação Inclusiva e seus desafios] (2012).

[58] Educador: Toda pessoa que desempenha qualquer cargo num centro educativo.

[59] Federación Internacional de Fe y Alegría. *La educación popular y su pedagogía.* [A educação popular e sua pedagogia] *Em* Colección Programa Internacional de Formación de Educadores Populares. Caracas-Venezuela, 2003.

[60] *Ibidem*.

79. Fé e Alegria acredita firmemente que "Aprender é mudar"[61], pois muitas vezes implica desaprender e reaprender, assimilando e modificando ideias, concepções, formas de ser e de agir. Esta é a essência do que significa ser um educador popular. Neste processo dinâmico, as mentes que aprendem dão voltas, giram, mudam, relacionando e desafiando tudo o que encontram. Aprender é, portanto, uma tarefa que envolve cada dimensão de nosso ser e de nossa vida inteira. Além disso, partindo da educação popular, é um processo social que envolve nosso ambiente e os que o habitam conjuntamente conosco. Com outros se aprende mais e melhor. Portanto, não basta aceitar a necessidade de uma mudança e a necessidade de aprender. Para poder tornar evidente e celebrar a aprendizagem é preciso a avaliação como veículo que torne visível a aprendizagem e nos permita comunicar-nos sobre ela[62].

80. Fé e Alegria sempre esteve convencida de que para atingir uma comunidade educativa inclusiva é preciso contar com educadores/as apaixonados pela educação. No entanto, esta característica não costuma ser considerada nas competências de um bom educador (costuma-se centrar a atenção em responsabilidade, planejamento, gestão de conteúdos, trabalho em equipe, etc.) e acaba sendo ignorada, embora seja uma das variáveis mais importantes para atingir uma educação inclusiva. Ser uma pessoa apaixonada e inclusiva depende de múltiplos fatores (formação própria, experiências, ideologia, vocação, etc.), mas no que sem dúvida há consenso, é que uma atitude inclusiva permeia praticamente todas as práticas do educador. É inseparável a pessoa do educador do seu seu papel.

81. Fé e Alegria acredita que para atingir uma educação inclusiva, o mais importante é colocar os valores inclusivos com ação. Trata-se de um compromisso com os valores particulares que representam o desejo de superar a exclusão e promover a participação de todos e todas. Os valores são guias fundamentais que promovem a ação, nos impulsionam para frente e nos dão um sentido de direção, definindo um destino. Ser claro acerca da relação entre valores e ações é o passo mais prático que se pode dar em educação. Os valores que Fé e Alegria já definiu (justiça, liberdade, participação, fraternidade, respeito à diversidade e solidariedade) são os que colocam em andamento uma educação inclusiva.

82. Fé e Alegria acredita que ser profissional implica um compromisso de toda a vida com a formação e a aprendizagem constante, com o ser sujeito do próprio processo formativo, pois é através da reflexão constante da própria prática educativa, que se integra a pessoa do educador com o seu papel profissional. Este processo o levará a inovar e, com certeza, a transmitir paixão por aprender, o que ira trazer bons resultados nos educandos (as) assim como motivação dos outros educadores/as[63]. A formação em direitos humanos está intimamente ligada à formação em inclusão.

---

[61] Stoll, L., Fink, D. y Earl, L. *Sobre el aprender y el tiempo que requiere. Implicaciones para la escuela* [Sobre o aprender e o tempo que demanda. Implicações para a escola.]. Barcelona, Octaedro, 2004. [Sobre o aprender e o tempo que demanda. Implicações para a escola]

[62] *Ibidem*.

[63] Day, C. *La pasión por enseñar* [A paixão por ensinar]. Madrid, Narcea, 2006.

83. A relação entre a pessoa e seu papel como educador (a) não pode ser desligada. O educador (a) transmite mais o que é como pessoa e o que reflete, do que seus conhecimentos[64]. Na interação com os educandos (as) também participam seu sistema de crenças, valores, personalidade, etc. e tudo é transmitido de maneira consciente e inconsciente. Portanto, ser inclusivo significa acreditar profundamente em que todos e todas podem desenvolver todas suas potencialidades, sendo capazes de superarem-se a si mesmos, centrando-se nos recursos das pessoas, mais do que em suas debilidades.

84. Fe e Alegria tem certeza de que um fator importante para a inclusão está em acreditar internamente em todos os educandos (as), e isto tem a ver mais com a pessoa que o educador(a) é, do que com seu papel como educador(a). O educador que vai fazendo a experiência de "incluir" a si mesmo nas diversas dimensões de sua vida, assim como inclui outras pessoas, já está aprendendo a desenvolver uma atitude inclusiva. Portanto, a vocação dos educadores/as desempenha um papel central. Cada educador deve percorrer um caminho pessoal para incorporar a certeza de que uma educação inclusiva pode ser atingida, considerando que "toda mudança exterior depende de uma mudança interior"[65].

85. Para avançar em direção de uma inclusão real, é preciso uma transformação profunda das concepções que as pessoas têm sobre o outro[66], o que resulta, necessariamente, em mudanças de atitudes e mudanças nas ações. Para os educadores/as de Fé e Alegria se constituírem agentes de educação inclusiva é chave que cada um faça a si mesmo, honestamente, a pergunta sobre o que realmente pensa sobre a inclusão, sobre quais são seus medos, apreensões e esperanças. Fé e Alegria acredita que uma postura reflexiva e "interrogativa" dos educadores/as , a respeito de suas próprias crenças e acerca das dificuldades que os educandos (as) têm para aprender, pode encaminhar para um avanço significativo no desenvolvimento de novas formas de enfrentar as barreiras rumo ao aprendizado e à participação[67].

86. É importante mencionar que a prática inclusiva não é responsabilidade do profissional de apoio[68], como se costuma considerar em muitos contextos. Diversas pesquisas, assim como nossa experiência no XLIII Congresso da Federação Internacional de Fé e Alegria, demonstram que todos os educadores/as devem atuar em prol de uma inclusão real. Portanto, se quisermos que a educação inclusiva se concretize em nossas comunidades educativas, todos os membros da comunidade escolar terão de ser preparados para educarem na diversidade e acompanharem de forma integral a todas as pessoas. Oferecendo assim, ao mesmo tempo, espaços onde os

---

[64] Tardiff, M. *Los saberes del docente y su desarrollo profesional* [Os saberes do professor e seu desenvolvimento profissional]. Madrid, Narcea, 2004.

[65] De la Herran, A. y Paredes, J.J (coords). *La práctica de la innovación educativa* [A prática da inovação educativa]. Madrid, Síntesis, 2009.

[66] Pozo, J.I., Scheuer, N., Pérez Echeverría. M.P; Mateos, M., Martín, E. y De la Cruz, M. (Eds.) *Nuevas formas de pensar la enseñanza y el aprendizaje, las concepciones de profesores y alumnos* [Novas formas de pensar o ensino e o aprendizado, as percepções de professores e alunos]. Barcelona, Graó, 2006.

[67] Ainscow, M., Booth, T. y Dyson, A. with Farrell, P., Frankham, J., Gallannaugh, F., Howes, A. and Smith, R. *Improving schools...*

[68] Profissionais de apoio são aquelas pessoas que, nos centros educativos, assistem só educandos com alguma necessidade especial. Por exemplo: fonoaudiólogo, psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras, etc.

educadores/as compartilhem suas experiências e trabalhem conjuntamente na construção de comunidades educativas e sociedades mais inclusivas.

87. Outro ponto central é o papel que a comunidade local desempenha nos avanços encaminhados para uma educação inclusiva. A participação ativa da comunidade é primordial; e termos de compreender que este é um processo que deve ser abordado conjuntamente, pois, é pouco o que pode ser fazer apenas nas comunidades educativas, caso a inclusão não seja promovida nos contextos. Além disso, juntamente com a comunidade, devem se analisar as causas da exclusão que sejam abordadas nas diversas instâncias.

1.1 O papel das equipes gestoras na formação de educadores/as inclusivos.

88. Fé e Alegria considera [69] que as equipes gestoras desempenham um papel chave na promoção de uma formação contínua. Como mencionamos anteriormente, o papel do acompanhamento é chave no sucesso de uma educação inclusiva. Nas comunidades educativas, as equipes gestoras são as responsáveis por dispor condições (tempo e espaço) para os educadores/as poderem refletir, e desta forma constituir-se numa comunidade educativa que considere a dimensão coletiva e dialógica do ensino. Isto é fundamental se pretendermos avançar para uma maior inclusão, pois como temos visto, devemos transformar a cultura educativa, e para isto devemos enfocar a formação em ressignificar a cultura coletiva da comunidade educativa, através da reflexão sobre as próprias práticas; ao invés de saturar os educadores/as com cursos sobre inclusão.

89. A reflexão sobre nossas praticas nos permite desnaturalizar o que fazemos habitualmente e assim sermos muito cautelosos na maneira de como tratamos da diversidade. Por isso, é preciso que a reflexão seja acompanhada, para nos permitir conduzir em direção à critica, à transformação, e à modificação ou ajuste de pequenas práticas cotidianas excludentes.

90. É importante instalar nas comunidades educativas, práticas de discernimento e reflexão que permitam olhar-se com transparência. Por exemplo, a observação das aulas entre pares, ou por conta das equipes gestoras e sua respectiva retroalimentação, são práticas que permitem identificar "pontos cegos" para melhorar o trabalho dos educadores/as em prol da inclusão. Portanto, as equipes gestoras têm o trabalho de criar meios para que o discernimento, a reflexão, o acompanhamento e a sistematização das práticas, sejam institucionalizados.

7. A educação inclusiva a partir de um olhar de fé

> *Jesus se pôs a caminho e, dali, foi para a região de Tiro. Entrou numa casa e não queria que ninguém soubesse onde ele estava. Mas não conseguia ficar escondido. Logo, uma mulher que tinha uma filha com um espírito impuro, ouviu falar dele. Ela foi e jogou-se a seus pés. A mulher não era judia, mas de origem siro-fenícia, e pedia que ele expulsasse o demônio de sua filha. Jesus lhe disse: Deixa que os filhos se saciem primeiro; pois não fica bem tirar o pão dos filhos para jogá-lo aos cachorrinhos. Ela respondeu: Senhor; também os*

[69] Finocchio, S. y Legarralde, M. *Pedagogía de la inclusión Gestión pedagógica para equipos directivos. [Pedagogia da inclusão. Gestão pedagógica para equipes gestoras] Em* Federación Internacional de Fe y Alegría. Colección Formación de Directivos del Programa Internacional de Formación de Educadores Populares. Fe y Alegría, Santo Domingo - República Dominicana, 2008.

cachorrinhos debaixo da mesa, comem as migalhas que os filhos deixam cair. Jesus lhe disse: Por causa do que acabas de dizer, podes voltar para casa. O demônio já saiu de tua filha. Ela voltou para casa e encontrou sua filha deitada na cama. O demônio havia saído dela (Marcos 7:24-30).

91. O episódio com a mulher siro-fenícia em primeira instância, nos dá a entender que Jesus tinha reservado seu convite para o Reino apenas para os judeus, excluindo os pagãos [70]; pois, como vemos, sua reação inicial diante da mulher foi de repúdio, e somente ao constatar a sua insistência, Jesus reconhece a dignidade de uma não-judia. Ou seja, foi o encontro com esta mulher concreta, que insistentemente pede sua compaixão, o que fez Jesus entender que sua mensagem deve ser universal e que toda pessoa é intrinsecamente digna. Ora, esta mudança em Jesus aconteceu a partir de um encontro pessoal, a partir de um vínculo concreto; o que nos faz pensar que o vínculo é aquilo que, finalmente, propicia uma mudança no ser humano. Aparentemente, Jesus pouco a pouco, foi tomando consciência, de que sua mensagem era universal, que todos nós estamos convidados para habitar o reino de Deus.

92. Nós, como pessoas que fazemos parte de Fé e Alegria, também devemos nos sentir convidados a ampliar nossas fronteiras e nos deixar transformar. Mas, como dar passos em direção da inclusão? Como Jesus de Nazaré fez, é preciso nos relacionar com pessoas distintas, que tenham diferentes crenças, culturas, países, ideologias, igrejas, classes sociais, etc., e deixar-nos transformar a partir do vínculo próximo com pessoas diferentes de nós, respeitando e valorizando a diferença. No entanto, em sociedades como as nossas, este vínculo não se apresenta de forma natural, temos de sair a procurá-lo, temos de sair para o encontro com o outro diferente, temos de romper as barreiras que nosso berço, família, educação, cultura, gênero, credo, ambiente e território criaram. Neste sentido, devemos encarar o medo que muitas vezes sentimos por aquilo que é diferente, o que é novo. A diversidade costuma nos enfrentar com nossas inseguranças, pelo qual, cada um de nós deve, honestamente, se perguntar como, a partir de sua própria vida, aporta ou não à construção de uma sociedade diversa. Para construir uma sociedade inclusiva é preciso enfrentar nossos medos, partindo da vontade de nos transformar e transformar nosso ambiente, e assim favorecer o nascimento de uma nova cultura, onde todos tenham um lugar privilegiado.

93. Jesus sara os surdos-mudos, epiléticos, cegos, paralíticos, etc., e centra sua ação nos marginalizados de sua época. Eles foram os primeiros para Jesus, o centro de sua atenção. Ele constatou que os marginalizados não se sentiam convidados para o Reino, por isso foram os primeiros em serem convidados por Ele. Seguindo a Jesus, o convite que o Evangelho faz para Fé e Alegria é o de dar atenção especial para aqueles grupos de pessoas que têm sido excluídas, marginalizadas e que poderiam estar em risco de fracasso escolar e de levar uma vida afastada do seu direito à educação. Devemos tratar de incluir estas pessoas nos serviços educativos que proporcionamos ou nos que são oferecidos, para gozarem do seu direito a uma educação inclusiva e de qualidade, essa é a nossa missão!

---

[70] Alonso, P. *La mujer sirio fenicia en la interpretación patrística* Estudios eclesiásticos, vol. 80, Número 314, 2005, pp. 455-483.

94. O convite que o Evangelho faz para nós é o de formar uma sociedade inclusiva, e isto começa a partir de nossa própria transformação e a de nossas comunidades educativas, que devem se constituir na antecipação da sociedade que queremos construir. Nossa própria transformação deve estar motivada pela transformação que teve Jesus. Se Ele se transformou, nós e nossas comunidades educativas também podemos nos transformar. E esta transformação deve ser realizada de mãos dadas com os setores excluídos, marginalizados e empobrecidos de nossos países, porque como Jesus mesmo nos revela, *ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos*. (Mateus 11:25)

95. A educação inclusiva hoje pode ser vista como uma utopia. *"só utópica e esperançadamente podemos ter ânimo para tentar, com os pobres e os oprimidos do mundo, reverter a historia* [71]*".* A utopia do Reino de Deus é a que nos motiva para continuar avançando.

Cremos com Fé e Alegria

Cremos no Deus das Bem-aventuranças
e em Seu Filho Jesus Cristo, nosso companheiro.
Cremos que Deus nos chama para sermos felizes
e abraçar nossas dores com sua morte na cruz.
Cremos no Jesus próximo, que nos convida a sermos seus amigos
e acolhe nossa história com carinho e compaixão.
Cremos em Jesus que aprende a ser humano
e ensina que todos nós somos dignos desta terra.
Cremos em Jesus Ressuscitado,
que nos convida a sonhar
com um mundo mais partilhado e mais humano.
Cremos na construção do Reino de Deus,
onde todos temos um lugar especial
e onde a justiça liberta os mais pobres.
Cremos em uma Igreja simples,
que construirmos dia a dia
e reúne a diversidade de nosso mundo.
Cremos em nossa transformação e na do nosso povo,
assim como Jesus acreditou nos seus discípulos.
Cremos com Fé, porque nos mantém unidos.
e cremos com Alegria, porque Deus caminha conosco.

---

[71] 71 Ellacuría, Ignacio S.J. *Último discurso*. 6 de Noviembre de 1989. Barcelona, España. Em: Sobrino, J. *Fuera de los pobres no hay salvación* [Fora dos pobres não há salvação]. Trotta, Madrid - España, 2007.

*Tradução: Constanza Solórzano.
* Revisão: Luiz Fernando Klein, S.J.